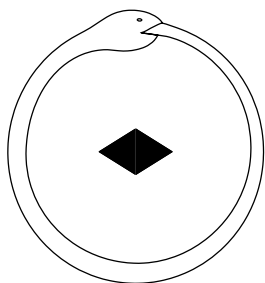


A man and a woman are sitting cross-legged on a light-colored woven mat. The man, on the left, is wearing a black t-shirt and khaki shorts, smiling at the camera. The woman, on the right, is wearing a black t-shirt with the text "Ohpekõ dihtarã" and a red skirt, also smiling. They are in a room with large windows and several colorful paintings on display. A green snake logo is visible in the bottom center of the image.

CASA ESCOLA VIVA
Tukano-Desana-Tuyuka
Thaís Desana e Ivan Tukano

cadernos
SELVAGEM



CASA ESCOLA VIVA • TUKANO-DESANA-TUYUKA

Thaís Desana e Ivan Tukano

O texto deste caderno é a transcrição dos depoimentos de Thaís Desana e Ivan Tukano durante a [residência Casa Escola Viva](#), que aconteceu entre os dias 13 e 24 de outubro de 2025. A residência reuniu artistas das 5 Escolas Vivas no Bloco Escola do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), localizado às margens da Baía de Guanabara. **Assista aos depoimentos em vídeo [aqui](#).**

Com o intuito de animar artistas a dialogarem com o mundo de fora dos territórios, enquanto desenharam, pintaram, experimentaram, trocaram e aprofundaram conhecimentos de suas culturas, Casa Escola Viva foi uma extensão do projeto das Escolas Vivas. Ao final do processo, a residência abriu suas portas para visitação do público. O vídeo [Nossa mão é uma flor](#) mostra um pouco o processo da residência.

A residência foi também um desdobramento da primeira edição da [exposição Viva Viva Escola Viva](#), que aconteceu na Casa Brasil, entre 2 de dezembro de 2023 e 28 de janeiro de 2024. Parte dos trabalhos desenvolvidos durante a imersão Casa Escola Viva integram a [segunda edição da exposição](#), em cartaz entre 10 de junho e 09 de agosto de 2026 no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo.

Thaís e Ivan são artistas da [Escola Viva Tukano-Desana-Tuyuka](#), o Centro de Medicina Indígena **Bahserikowi**. Ele está localizado na cidade de Manaus e tece relações com diversas instituições, como a Organização Pan-Americana da Saúde, a Secretaria de Saúde Indígena (SESAI), a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e a Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Os especialistas **kumuã** que atendem no Centro são originários dos povos **Yepamahsã (Tukano)**, **Utãpirõ-porã (Tuyuka)** e **Umukori-mahsã (Desana)**, das comunidades indígenas do Alto Rio Negro.

Convidamos a conhecer e apoiar o movimento [Escolas Vivas](#) pelo nosso site.





THAÍS DESANA

Eu sou a Thaís. Eu sou do povo **Desana**. Meu nome indígena é **Diakarapó**. Eu sou lá do Alto Rio Negro, município de São Gabriel da Cachoeira. Eu trabalho com a arte, com a pintura corporal. Também faço pinturas em tela. E, pra mim, a arte vem de um lugar muito de memória sobre a minha família.

Eu sou neta de um grande líder de comunidade. O meu avô e o meu pai também. Nas rodas de conversa, nas rodas com a família, eu sempre tive esse contato muito forte com a nossa história, história da origem da nossa vida, origem do nosso povo, origem da nossa terra, do nosso universo. E, através disso, os meus próprios irmãos também, os meus pais, sempre tiveram esse contato forte com o desenho, com a pintura.

Eu cresci nesse ambiente, vendo os meus irmãos, ouvindo o meu pai, observando a minha mãe. Não sei o momento exato em que aprendi a pintar, desenhar, mas eu sei que, a partir do momento em que eu tive essa memória, eu tive essa vontade de também criar. E pensar na minha

avó, que eu não cheguei a ver, não cheguei a conhecer. E, a partir disso, criar rabiscos, riscos, desenhos e pinturas. Então, pra mim, vem de um lugar muito forte, em conexão com os meus avós, que já estão em outro plano, no plano não visível, e com os meus pais, que ainda estão nesse plano visível. Ter esse contato com todos esses seres dos planos visíveis e não visíveis, além da memória, mas também da imaginação, e de criar e de pensar em como essas vidas são nesse mundo, são no outro mundo. Como a gente consegue ter esse contato, seja com as vidas daqui, as sete vidas que a gente fala, né? Seja o céu, seja o vento, a terra, as plantas, a gente enquanto ser humano. Esse corpo de gente, mas também o corpo animal e outros corpos que existem ao nosso redor. Então, a minha arte, a minha pintura, vem um pouco disso, de como eu consigo trazer a memória, mas também a imaginação.

Eu trabalho muito com o corpo, crio corpos, imagino corpos, imagino rosto, imagino olhos. E trago tudo isso pra esse mundo dos nossos encantados, dos *waimahsã*, que habitam esse plano, mas também estão sempre... Assim como a gente observa tudo, todos esses elementos acabam observando a gente de volta. Então, de que forma eles observam a gente? E aí eu tento transmitir isso também através da arte, sempre muito inspirada, na minha família, no meu pai. O nome dele é *Kisibi*. Ele é um grande *kumu*, especialista. Ele, meu avô, a minha avó, minha mãe também. Sempre trago eles junto comigo, na cabeça, na memória, no corpo, na proteção, e também em todos os lugares que eu piso. E, a partir disso, estar aqui, enquanto uma Escola Viva também... Eu gostei muito de ter essa troca com outros parentes de outros povos, porque a gente acaba vendo como eles trazem a sua própria memória, a sua própria história, a sua própria vivência de território, de pessoas. Tem grandes especialistas aqui também presentes. Tem crianças, tem jovens, tem os mais velhos, as mais velhas, as nossas artesãs. Como que cada um enxerga o seu próprio mundo, enquanto pessoa, mas também acaba conectando. Todo esse mundo deles acaba conectando com o meu mundo, com o mundo dos outros, com o mundo dos *Baniwa*, com os *Guarani*, com os *Huni Kuĩ*, com os *Maxakali*. A gente acaba se conectando.

As cores se conectam. A gente usa bastante cores vivas. Eu estava prestando atenção: corpo, grafismo... A gente traz todo esse conjunto

de arte, mas não só arte, porque além de arte, também é o nosso conhecimento. Como o nosso conhecimento é passado através da oralidade, da fala, da escuta, da observação. É através disso que a gente acaba expressando, no papel, na tela, na parede, na vestimenta, nas miçangas, nas pulseiras. Isso tudo é a nossa forma de passar conhecimento também e de receber do outro, passar pro outro e receber.

Os mais velhos estão passando para a gente, as crianças também estão passando, e a gente acaba fazendo essa relação e criando, recriando, memorizando, respeitando. E acaba que a gente cria esse espaço, que é uma grande Escola Viva, com outras Escolas Vivas dentro. Acaba sendo um espaço de muito respeito. Um espaço muito de proteção também, e que todo mundo se sentiu muito à vontade de criar, de pintar, de relembrar, de pensar nas nossas famílias, nossa comunidade, que estão lá, distantes, mas aqui próximos, nesse plano não visível também. É muito fortalecedor.

Eu nunca tive a oportunidade de estar em um mesmo espaço com outros parentes pintando, desenhando, ouvindo, cantando. É uma grande honra, estar com esses nossos outros parentes, estar junto, crescer junto, caminhar junto e estar convivendo e transformando e criando essa grande rede.



Essas Escolas Vivas, conjuntas, criando uma grande Escola Viva nesse território nosso, que é um território indígena, principalmente aqui nessa terra, com a Baía de Guanabara bem ali na frente, que a gente fala, enquanto povos do Alto Rio Negro, que é onde surgiu a nossa vida. A origem da vida surgiu aqui nesse território, então a energia dele é muito grande, é muito forte. A cada vez que a gente pisa aqui, a cada vez que a gente acorda, sonha, dorme.

Esse acaba sendo também um grande ritual. A gente senta aqui, pensa, observa, a gente sente essa terra, sente essa água que está ali. Foi de onde a canoa saiu, o barco saiu, a cobra canoa saiu. Pra passar em todos esses territórios daqui, desse universo. É algo muito forte estar nessa terra, estar com os parentes, estar pintando, memorizando e criando e fazendo essa grande rede que vai se expandir cada vez mais.



Pāmuri yu'ukusu
– Cobra Canoa,
Thaís Desana



IVAN TUKANO

Añuti m̃hsã ỹw̃
ahkawerẽ, pehkasã, maari
ató Ohpekõ Dihtara wametiro
nimimari, maari d̃hporop̃ta
maari ukusé. Nukam̃hatipa,
ỹw̃ nii k̃marõ, mioñapito
wametirok̃h̃ nii.

Olá! Tudo bem com vocês? Pa-
rentes e não parentes, nós estamos
aqui, no lugar chamado Lago de
Leite. Desde o princípio, as nos-
sas falas e nossos conhecimentos
começou aqui nesse lugar. Eu sou
Ivan, da comunidade da Foz do
Igarapé do Cabari.

Eu sou Ivan, sou do povo **Tukano**. Eu sou da comunidade chamada
São Domingos Sávio, do Estado do Amazonas, no rio Tiquié. De lá que
eu venho. E hoje nós estamos aqui, nesse lugar chamado Baía da Gua-
nabara. Eu venho da linhagem de especialista na minha comunidade.
Meu bisavô foi o último grande xamã que existiu na comunidade. Logo
depois vem meu avô, também grande especialista, meu pai também é
grande especialista. E eu venho também nesse processo de formação
pra um dia se tornar um especialista.

Eu tenho bastante sonhos. A partir dos sonhos que eu tento retratar, trazer informações e uma forma de explicar para outra sociedade entender qual é a nossa relação do corpo com esse corpo, ou água. Corpo da água. Então, muitas vezes é muito difícil a gente querer traduzir essas informações da minha língua, pra traduzir para a língua portuguesa se torna muito mais difícil.

Eu tenho uma relação, o meu corpo com esse corpo da água, uma relação de irmão. E entre nossos corpos também. Essa energia que circula entre nós é muito importante. Essa energia que faz com que a gente equilibre nosso ambiente. Se eu quebrar um galho desse [apontando para uma planta do jardim montado dentro do Bloco Escola], o corpo vai sofrer, o corpo desse vai sofrer. Só que a gente não consegue olhar, sentir o sofrimento dessa planta. Eu só consigo visualizar, entender o sofrimento do meu próximo ou de outros animais que conseguem expressar o sentimento de dor. E a gente não consegue sentir o olhar, sentimento de dor dessa planta ou de outras sementes, ou de outras frutas, de outras raízes.

Aí, a partir disso, eu comecei a pensar de como poderia trazer esse sentimento. Na minha primeira iniciação, eu também tive algumas visões com... A gente chama de *caapi*, conhecido como ayahuasca. Nessas mirações, eu tive a oportunidade de ter contato com o meu bisavô, que já morreu há muito tempo. E lá eu pude conversar com ele. Então, eu estava buscando esse outro modelo de entender as coisas, aprender as coisas, de se tornar um especialista um dia. Nesse meu sonho, nessa minha miração, minha visão, esse meu bisavô disse assim, eu sempre trago essa fala dele: “Bom, vocês estão querendo fazer. Isso é muito bom, muito importante, mas esse processo vai demorar um pouco”. E demorou um tempo. Depois de um tempo, a gente criou um espaço chamado *Bahserikowi*, Centro de Medicina Indígena. Por um momento, eu tinha esquecido essa parte. Aí, depois de um tempo, eu fui participar de outra cerimônia, daí eu pude perceber que todo aquele processo fazia parte de como esses outros seres... Os nossos ancestrais também conduzem esse caminho pra nós. Quando eu comecei a pensar: não adiantava eu só falar, explicar para as pessoas, precisava de algo mais pra transmitir esses sonhos, essas mirações, essa energia que a gente sente.

Aí é quando começo a desenhar. Primeiro, o meu corpo. O meu corpo relacionado com os animais. Onça, cobra, água, minérios, tudo isso eu já expressei em forma de arte pra ir espalhando essas artes que eu fiz pra que as pessoas olhassem, observassem e entender esse outro... Outro modelo de entender, compreender os espaços.

A partir disso, eu começo a desenhar e a conversar com outras pessoas, dialogar com outras pessoas. Então, muitas vezes se eu falar... Eu falei da planta, mas pra muitas pessoas é difícil entender. A arte também é uma forma de a gente explicar. Por exemplo, eu posso desenhar essa planta misturada com rosto, dizer que existe uma vida ali. Não existe uma vida só minha ou de vocês, dos humanos. Tem vários outros. Outras vidas, inclusive dos *waimahsã*. Os *waimahsã* são os principais cuidadores dessas outras vidas.

Aqui, nessa residência, eu fiz um desenho referenciando esse lugar que nós chamamos de *Opekõ-dihtara*, ou conhecida como Baía de Guanabara. Então eu fiz um formato de um humano, mas sem olhos, sem bocas, sem outras coisas. Por quê? Esse ser, o *waimahsã*, o *Yepa Oãkũ*, ele tem poder de transformar qualquer coisa. Ele pode transformar o humano, ele pode transformar a planta, ele pode transformar o peixe ou outros animais.



Detalhe de
Pamūri Yūhkūsū,
uma viagem
cosmológica dos
futuros humanos,
Ivan Tukano

Ele é um ser que tem poder de conhecimento, de transformação, de cura, por isso que eu fiz essa referência. Fiz uma canoa de transformação. E essa canoa de transformação também vem a partir do meu sonho. No meu sonho, essa canoa de transformação parecia ter formato de pedras. Várias pedras em formação. Dentro de cada pedra tinha gente. Então eu fiz a partir desse meu sonho, eu referenciei. Aí coloquei isso em forma de arte pra traduzir. Tem várias formas de explicar esse nosso conhecimento¹.



Pamūri Yūhkūsū,
uma viagem
cosmológica dos
futuros humanos,
Ivan Tukano

1. Na roda de conversa Arte é mercadoria?, no dia 23 de outubro, Ivan compartilhou sobre a forma como representou a canoa da transformação em sua pintura: “Muita gente, a partir da arte, da pesquisa, as pessoas costumam desenhar a canoa de transformação em forma de cobra, né? Antes de vir pra cá, eu tive um sonho. O povo Tuyuka fala Ũhtapiroporã, ou seja, canoa de pedra. Então, nesse meu sonho, essa canoa de transformação era formada de várias pedras. Dentro dessas pedras também tem essa parte conhecida como rupestre, as pessoas chamam de arte rupestre. No meu sonho, todo esse rupestre representava cada povo, cada língua. Cada divisão dessa parte é divisão do povo e também da sua língua, do costume, da forma que é produzido o seu conhecimento. Aqui neste espaço, nós somos Escolas Vivas de diferentes estados. Então cada povo está explicando a sua forma de entender esse seu conhecimento a partir da arte. Então eu trago a minha também.”

Eu trago isso também na minha arte. Eu vejo que muitas vezes a gente tenta expressar como indígena, mas a gente acaba se perdendo, tentando pensar ou entender como a sociedade ocidental pensa, organiza as coisas. Muitas vezes a gente quer inserir o nosso conhecimento nesse mundo. Quando a gente faz isso, a gente se perde, a gente perde a nossa essencialidade. A gente perde como a gente produz o conhecimento, como a gente produz sistema de proteger os nossos corpos e curar os nossos corpos. Então, a Escola Viva proporciona a gente viver o mais essencial possível. Aqui vocês observam, cada povo está vivendo à sua forma.

Cada povo está trazendo a sua energia, a sua cura. Então, cada desenho que está nesse espaço não é simplesmente: “Ah, eu vou desenhar porque acho bonito”. “A natureza é bonita.” Não. Estão relacionados de como a pessoa comporta o seu corpo com outros corpos. Os corpos dos animais, das plantas, da água, das frutas. Basicamente a gente traz isso. E, a partir dessa residência, a gente vai sair muito mais fortalecido, entendendo como que o povo, cada povo, produz seu conhecimento. Muitas vezes, as pessoas... Eu, particularmente, no começo, eu cheguei a pensar: “A forma de o outro povo produzir conhecimento está errado, o meu que está certo”. Mas não é. Aqui estamos, de lugares diferentes. Norte, Sudeste, Sul. Cada povo está trazendo sua forma de praticar. Isso nos fortalece. Aqui, nós temos nossos especialistas mais velhos, como o Mamei. O Mamei cuidou da gente. Então não posso dizer: “Ah, o Mamei não sabe porque eu também sou especialista”. Não.

A gente tem que respeitar o mais velho, aprender com mais velhos, e sentir essa energia do Mamei. Ele cuidando dos nossos corpos, ele curando nossos corpos, dando significado com esses espaços. Isso que é mais importante. Eu senti essa energia muito forte em mim esses dias. Eu sempre faço cura com meu pai, com meus parentes, com o pai da Thaís, mas sentir essa cura também do Mamei, de outra região, foi um momento muito importante, significativo, sentir essa energia, sentir essa cura².

2. Na conversa Arte é mercadoria?, Ivan ainda complementou: “Um dia desses, eu até comentei que toda vez que a gente vai a outro território, sem ser um evento desse, a gente volta pra casa cansado. Cansado e querendo dormir uma semana em casa. Dessa vez não. Dessa vez, a gente estava cuidando dos nossos corpos, cuidando dos nossos conhecimentos. A partir da reflexão foi feita nossa arte.

Então, isso que nós vamos levar. Cada um vai levar pro seu território essa experiência, essa energia, essa cura. Muitas vezes, quando viajo pra outro lugar, eu volto com o meu corpo tudo maltratado. Pela primeira vez, vou voltar pro meu território com o corpo bem leve. Cuidado, curado. É isso. Gratidão.

Añu.



Kariçu e Mahpoari
(esquerda) e Banco
Tukano e forquilha
(direita), Ivan
Tukano

Trazer para outra sociedade, para eles entenderem como é praticar o bem viver. Então acho que o ponto crucial parte daí, do bem viver. Desde que a gente chegou aqui, em nenhum momento a gente maltratou nossos corpos. A gente estava sempre cuidando, começando com uma reza, finalizando com uma reza. Em nenhum momento o cansaço tomou os nossos corpos. Chegar em casa, jantar, descansar e acordar bem.”

DEPOIMENTOS DURANTE A RODA *ARTE É MERCADORIA?*

No dia 23 de outubro, aconteceu a roda de conversa *Arte é mercadoria?*, que propôs uma reflexão sobre os diálogos entre a arte indígena, o mercado da arte e instituições culturais e museais. A conversa convidou a pensar outros caminhos para a inserção da arte indígena nos espaços da arte, para além dos modelos tradicionais de galerias, frequentemente focados na comercialização das obras e na individualização dos artistas. Os artistas residentes participaram da conversa junto com cerca de 40 participantes, artistas e representantes de instituições de cultura e museus.

THAÍS DESANA

Eu vou começar falando um pouco da tela *Dihku Mahsõ Numiõ*, que é o corpo de uma mulher, uma mulher *maniwa* que é a mandioca. A mandioca é o principal meio de sustento para a gente lá no nosso território, é da onde a gente tira a tapioca, a goma, o beiju, a farinha. É um dos nossos principais meios de alimentação.

Eu estava muito pensando nesse processo criativo e veio muito a memória da minha mãe. A minha mãe é mulher de roça, junto com as minhas avós, como elas também foram, e as minhas irmãs também. Eu fiz essa tela pensando nesse processo de ser uma mulher que vai pra roça, que planta, que colhe, que faz o beiju, que faz a goma, que faz a farinha.

Eu pensei em trazer elas para esse espaço. Esse espaço aqui que, como o Ivan falou, é onde começou a nossa vida. Um espaço onde a gente foi transformado, começou a transformação para esse corpo que a gente visualiza, esse corpo-gente. Mas nem sempre a gente foi gente, né? A gente não pertence só a esse plano do visível, como pessoa, mas a gente também está no plano do não visível. E, no não visível, a gente é a terra, a gente é o vento, a gente é o céu, a gente é a água, a gente somos as plantas também. E nas minhas artes aqui também, se vocês conseguirem observar, eu trago um pouco disso, dos elementos de planta, de uma mandioca, uma *maniwa*, que consegue ser um corpo

também. O corpo de uma mulher que produz alimento através dela, do próprio corpo.

Os mais velhos falam, as mais velhas falam, que, se a mulher cuida do corpo, o beiju que ela produz, a farinha que ela produz, a goma, a tapioca, é tudo de boa qualidade, é bom para o sustento, é mais gostoso. Então, enquanto ela cuida do corpo, tudo o que ela produz também tem a sua saúde dentro. Então eu retratei mais esse corpo feminino como um corpo de mandioca para representar as mulheres de roça, a minha mãe, as minhas avós, as minhas irmãs.



Dihku Mahsõ
Numiõ –
Mulher Maniwa,
Thaís Desana

No meu trabalho, eu tenho muito a memória e quero falar sobre a cobra. O Ivan falou um pouco sobre ela, que é responsável por levar a vida, sair da Baía de Guanabara e descer até a cachoeira Ipanoré, o rio todo, descer para levar as vidas de todos os povos, criando essa vida, esse corpo e todas as casas sagradas.

Eu gosto bastante de representar a cobra, que é a cobra canoa, a cobra da transformação. Os povos estavam dentro dela, dessa embarcação, descendo, descendo todo esse rio, descendo todo esse mar pra chegar e fazer essas confluências.

A cobra canoa tem sido bastante presente assim para mim, porque de todas as histórias, de todas as cosmologias nossas de criação, é a que mais ficou na minha cabeça, por ela fazer e ser responsável por essa viagem toda, a viagem da origem da vida, da transformação. O fato de ela ser uma cobra, mas ela ser um barco, uma canoa, mas ela também ser pedra, de os povos estarem ali unidos, fazendo toda essa viagem da vida. Eu gosto muito de retratar a cobra canoa nas minhas artes, nas minhas pinturas.

E toda essa viagem do corpo-planta, da cobra, aqui também na noite, retratando ela como uma noite da criação, uma noite de chuva, uma noite escura, o mar que estava mais vermelho, as escamas, os grafismos de cobra que também são grafismos de jararaca. Sempre fazendo essa



*Noite da
origem da vida,
Thaís Desana*

menção ao corpo de cobra. Os grafismos *Tukano* e *Desana* estão presentes no corpo. Aqui também está a avó do Universo, assim como o avô também estava criando, a Avó também foi responsável por toda essa criação. A Avó estava presente. Ela foi uma das responsáveis por criar toda essa vida, por estar em conjunto falando, trabalhando, manuseando. Tem planta e tronco fazendo parte do corpo da cobra canoa. Tem os grafismos, tem a cuia, que é bastante presente nessa origem, no início da vida, no *bahsese*, no sopro. As flautas têm bastante significado, como o canto, o canto que também é arte, o sopro que também é arte, mas que também faz parte de ritos sagrados que são também chamados como *Miriã Porã*. Aqui o retrato da Avó do Universo soprando as flautas. E aqui é o Avô do universo soprando de volta.

Hukariru – Sopro de vida, Thaís Desana



Corpo de *maniwa*
(corpo feminino),
Thaís Desana



Aqui também tem o corpo de uma planta, uma *maniwa*, que é o corpo de uma mulher. E eu faço essa incorporação sempre, mostrando que, assim como a gente observa a planta, o rio, a água, o céu, os seres, a gente, os animais também estão nos olhando de volta. E a gente chama esses encantados de *waimahsã*, que são seres que estão ao nosso redor e protegendo, mas também estão sempre nos dando lição.

Eu trago essa visão deles de volta: assim como a gente olha eles, eles também estão nos olhando de volta. As plantas nos olham de volta e elas têm a sua forma, o seu corpo, os seus olhos, enfim, elas também estão em diversos espaços e estão aqui com a gente também, ali na nossa junção. Ali naquele espaço, eles estão presentes.

As minhas criações aqui na residência são diversas formas que eu também enxergo, que eu também consigo imaginar, que eu também consigo memorizar. Tem aquarela, tem acrílico. Aqui a tela maior foi feita e criada também com tintas naturais, mas também com uma mistura de todos esses materiais.

E aí de tudo que a gente viveu nesse espaço de troca com outros povos, com pessoas mais velhas, com crianças, com jovens, mulheres, homens... De tudo que a gente conversou, criou, foi o que eu também consegui trazer numa tela com mais espaço, uma tela maior, eu consegui retratar tudo que eu memorizo, o trabalho, a cobra, a vida, a origem da vida, e trazer nesta tela aí que vocês conseguem ver, com bastante cor também. Eu gosto muito de trabalhar o azul, o vermelho, o amarelo... E é isso: a minha arte.

IVAN TUKANO

Quando a gente passa pela formação, os especialistas, conhecidos como os pajés, começam a formação a partir dessa história do Lago de Leite. O ponto inicial é aqui, esse lugar, para nós. Por isso que, para nós, esse lugar é um lugar muito sagrado, um lugar vivo. Existem seres que habitam nesse lugar. Na minha língua, eu tinha falado que esse lugar pertence ao avô do Universo, que é *Yepa oãkũ*.

Quando a gente chega aqui nesse lugar, a gente também sente essa energia, essa força. Portanto, eu não costumo falar que esse lugar, para nós, pertence à nossa memória, é reviver a nossa memória. Não. É um lugar vivo. Que você possa sentir essa energia, que você possa sentir essa cura. Então, essas águas que circulam nesse lugar, para nós, são conhecidas também como *karako* e *ohpekõ*, a água que purifica o corpo, a água que cura o corpo.

Portanto, no Centro de Medicina *Bahserikowi*, a gente trabalha muito com a parte da medicina, essa medicina que é a arte de curar outro corpo. Se eu sou especialista, eu tenho que estar muito bem de saúde com meu corpo. Eu tenho que cuidar do meu corpo para poder curar

outros corpos. Então, se eu não estiver bem, não tem por que eu querer ou forçar, nessa tentativa de querer curar outros corpos.

Esse nosso modelo de pensar, de curar os corpos, não é curar somente os corpos dos seres humanos. Eu tenho que estar preparado para curar o corpo de seres humanos e eu tenho que estar preparado para curar os corpos – das plantas, água, pedras... Tudo tem vida. Daí eu penso que tudo isso são nossos parentes, são nossos irmãos. E quando a gente começa a desmatar, a gente sofre. Hoje a sociedade está doente e não sabe por que está doente.

Meu mestre é meu pai e ele sempre fala que derrubar é a mesma coisa que você cortar o cabelo e deixar a pessoa careca, a pessoa vai sofrer com calor. E o solo também sofre com isso. Se a gente desmatar muito, o solo vai sofrer. A Terra vai começar a aquecer e vai ficar muito quente. Então a floresta, a água, seja o que for, para nós, também é uma grande farmácia. Eu sempre digo que a floresta para nós é uma grande farmácia. E se não houver floresta, de onde a gente vai tirar ervas medicinais para a gente poder curar a sociedade?

A Escola Viva nos proporciona isso, para a gente manter e fortalecer dentro dos nossos territórios. Muitas vezes queremos transformar o nosso, levar o nosso conhecimento para uma universidade, e a universidade divide as coisas. O nosso conhecimento não tem divisão, é um conjunto só. **Bahse**, arte prática de pesca e de caça, tudo é uma coisa só, é uma junção. Se a gente começa a dividir os nossos corpos, vai ficar doente.

A gente sempre fala nas comunidades que as pessoas estão muito doentes psicologicamente, porque hoje elas não praticam mais essa prática de **bahse**, que é conhecida como rezas. Então, quando fica doente prefere ir no médico. Porque os nossos corpos, desde que a gente nasce, são preparados de outra forma. E essa forma de a gente construir os nossos corpos, outra medicina não vai compreender. Então, mesmo que as pessoas façam tratamento com psicólogo, o psicólogo não vai entender o nosso modelo de construir vida. Essas relações que a gente tem – meu corpo com as plantas, o meu corpo com as floresta, o meu corpo com a terra, meu corpo com a água, meu corpo com o fogo – não estão na lógica de pensar na ciência ocidental.

Então, a Escola Viva faz com que a gente traga essas informações para que vocês comecem a compreender, entender e valorizar o nosso conhecimento, o nosso pensamento, o nosso modelo de viver e de construir as coisas.

A partir da nossa arte, a gente traz para outra sociedade, para eles entenderem como é o nosso modelo de viver. Uma vez, um *pehkasũ*, um não indígena, um psicólogo, me perguntou: “Tem algum jeito que vocês possam mostrar ou provar que existe esse modelo de viver bem?”. Eu falei que sim. Nós, povos indígenas, nas comunidades, a gente acorda, a gente faz café coletivo. Toda manhã é café coletivo. É uma coisa que nós estamos fazendo aqui no Rio de Janeiro, aqui em Santa Teresa, onde nós estamos hospedados. Toda manhã é café coletivo, contando suas histórias, contando suas piadas, todo mundo rindo. O nosso maior comediante lá na casa é o Carlos Papá.

Então, a partir desse encontro, a gente quer trazer isso para outra sociedade. A gente quer que vocês olhem esse modelo e comecem a repensar, comecem a refletir. Nós, povos indígenas, somos povos completamente coletivos. A gente partilha nossas coisas. Partilhando as nossas coisas, a gente se sente bem. Eu quero que todo mundo também comece a pensar, analisar, refletir, para que a gente comece a partilhar as coisas. Acho que é uma maneira de a gente trazer, apresentar para vocês, para vocês também começarem a compartilhar com a gente. Todos os nossos quadros, quando vocês olharem, vocês vão entender que são feitos de forma coletiva.

Pesquisadora e artista indígena do povo **Desana**, de origem da região do Alto Rio Negro – São Gabriel da Cachoeira, estado do Amazonas. Fundadora do Coletivo de Indígenas LGBTQIA+ do AM – **Miriã Mahsã**. Atua na pesquisa protagonizando o debate das expressões de sexualidade e gênero de corpos indígenas, trazendo a arte em desenho, pintura e fotografia como instrumento metodológico para a construção da ideia de corpos dentro do universo cosmológico e afetivo.

IVAN TUKANO

A realidade não é única. Para o povo **Tukano**, a existência não se limita ao mundo visível; há outros mundos que coexistem com o nosso. Minha arte e minha música são o registro direto dessas outras dimensões. Não se trata de uma metáfora, mas de uma representação de um fato. A visão de mundo **Tukano** é a base para a compreensão e a navegação nessas múltiplas realidades.

Cada obra visual e sonora que eu crio é o resultado de uma observação direta, uma documentação do que existe além do que se percebe à primeira vista. Meu trabalho é um mapa para esses outros mundos, uma forma de tornar tangível a complexidade da realidade.

Nascido em São Gabriel da Cachoeira, hoje sou um dos coordenadores do Centro de Medicina Indígena **Bahserikowi** em Manaus, um espaço onde essa mesma visão se manifesta na prática da cura e na conexão com nossa cultura.

FOTOS

Capa e páginas 2, 3, 5, 7, 9 e 12 - Caleidoskópica / Elea Mercurio

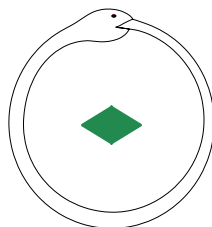
Páginas 10, 14, 16 e 17 - Caleidoskópica / Ana Rezende

Página 15 - Ricardo Miyada



RESIDÊNCIA CASA ESCOLA VIVA
MAM Rio, outubro de 2025

Realização



SELVAGEM

Parceria

MAM Museu de Arte Moderna
Rio de Janeiro

25 INSTITUTO **TOMIE OHTAKE**

Apoio


**AMBASSADE
DE FRANCE
AU BRÉSIL**
*Liberté
Égalité
Fraternité*

Toda a realização dos Cadernos Selvagem é da equipe Selvagem, com coordenação editorial de Anna Dantes. Este caderno e muitos outros estão disponíveis no site Selvagem em português e várias outras línguas. Mais informações em selvagemciclo.org.br.

Tudo que Selvagem cria é para ser compartilhado gratuitamente. Você pode usar livremente esse material, em parte ou na íntegra, desde que dê créditos à Associação Selvagem e mantenha o acesso gratuito. Para permissões adicionais, escreva para contato@selvagemciclo.org.br.

Gostamos muito de acompanhar a circulação dos materiais Selvagem pelo mundo e, por isso, se usar esse material de alguma forma, convidamos também a compartilhar registros pelo e-mail acima.

Se você deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas: selvagemciclo.org.br/apoie.

Agradecemos!